

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO**

**JOÃO VITOR OLIMPIO  
LÍGIA MAYRA AMARAL LIMA  
SARAH SANTOS LOPES**

**ASPECTOS DO MEDIEVO NO CINEMA: UMA  
ANÁLISE HISTÓRICA DA TRILOGIA “O SENHOR  
DOS ANÉIS”**

**BAURU/SP  
2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO**

**ASPECTOS DO MEDIEVO NO CINEMA: UMA  
ANÁLISE HISTÓRICA DA TRILOGIA “O SENHOR  
DOS ANÉIS”**

Monografia da modalidade PIBIC-EM apresentada pelo curso de História à CNPq e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), sob a orientação da Profa. Dr.<sup>a</sup> Flavia Santos Arielo, vinculada ao Centro de Ciências Humanas do UNISAGRADO, Bauru/SP.

**BAURU/SP  
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD

O46a	<p>Olímpio, João Vitor</p> <p>Aspectos do medievo no cinema: uma análise histórica da trilogia "O Senhor dos Anéis" / João Vitor Olímpio; Lúgia Mayra Amaral Lima; Sarah Santos Lopes. -- 2021. 38 f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Flávia Santos Arielo</p> <p>Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Idade Média. 2. História. 3. Cinema. I. Lima, Lúgia Mayra Amaral. II. Lopes, Sarah Santos. III. Arielo, Flávia Santos. IV. Título.</p>
------	--

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelo estímulo e patrocínio à esta pesquisa, sem os quais seria inviável o projeto.

Agradecemos ao Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), por proporcionar caminhos educacionais para que a pesquisa científica ocorra no campo do Ensino Superior e também por intermediar relações com o Ensino Médio.

Agradecemos ao Centro de Ciências Humanas e, em especial, ao curso de História do UNISAGRADO e à Profa. Dr<sup>a</sup>. Flávia Arielo, os quais incentivaram e encorajaram esta pesquisa.

Agradecemos a todos familiares e amigos envolvidos com os autores desta pesquisa, os quais também motivaram a desenvolver o projeto.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo identificar a possível existência de aspectos do medievo na trilogia *O Senhor dos Anéis*, tendo por objetivo repensar e reavaliar o período da Idade Média como "Idade das trevas". Após a revisão bibliográfica sobre aspectos da Idade Média, especificamente o período dos séculos X ao XIII, foi possível traçar representações do contexto sociocultural medieval apresentados nos filmes da trilogia por meio das técnicas de análise fílmica. A proposta de trabalhar essa temática com o aluno do Ensino Médio por meio da obra propõe um maior dinamismo na pesquisa, de forma a torná-la mais interessante para que o aluno possa, por meio da análise fílmica, perceber as possíveis representações da linguagem cinematográfica a respeito de um período histórico específico. Conclui-se que os pontos expostos acima permitem relacionar-se com as discussões historiográficas da atualidade.

**Palavras-chave:** Idade Média; História; Cinema

## ABSTRACT

This research aimed to identify the possible existence of medieval aspects in *The Lord of the Rings* trilogy, aiming to rethink and reevaluate the period of the Middle Ages as the "Dark Ages". After reviewing the literature on aspects of the Middle Ages, specifically the period from the 10th to the 13th centuries, it was possible to trace representations of the medieval sociocultural context presented in the films of the trilogy through the techniques of film analysis. The proposal to work on this theme with high school student through the work proposes greater dynamism in the research, in order to make it more interesting so that the student can, through film analysis, perceive the possible representations of cinematographic language about a specific historical period. It is concluded that the points exposed above allow us to relate to current historiographical discussions.

**Keywords:** Middle Ages; Story; Movie theater

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>8</b>
<b>2. MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>14</b>
<b>3. RESULTADOS.....</b>	<b>16</b>
<b>4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 OS PEREGRINOS DA TERRA MÉDIA.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1.1 Movimentação geográfica .....</b>	<b>21</b>
<b>4.1.2 Circulação cultural e agregação de novos conhecimentos .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 O CONDADO: IMPORTÂNCIA DA TERRA PARA OS HOBBITS .....</b>	<b>25</b>
<b>4.2.1 – A importância do contato com a terra.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2.2 – A comunhão da família e os companheiros de terra.....</b>	<b>27</b>
<b>4.2 ARAGORN REI DE GONDOR E THÉODEN REI DE ROHAN: A HIERARQUIA SOCIAL NA TERRA MÉDIA .....</b>	<b>28</b>
<b>4.4 O BEM E O MAL E A POSSÍVEL INFLUÊNCIA CRISTÃ NO ENREDO .....</b>	<b>29</b>
<b>4.5 AS GUERRAS PELO TERRITÓRIO E PELA LIBERDADE NA TERRA MÉDIA: AS FORÇAS DE SAURON CONTRA AS FORÇAS DOS HOMENS, ANÃOS E ELFOS. ....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>
<b>FILMOGRÁFICAS .....</b>	<b>37</b>
<b>BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

Historicamente, a Idade Média é o período compreendido entre 476, com a queda de Roma, e 1453, com a queda de Constantinopla. Há historiadores que apontam também a datação de seu início no ano de 313, com o Edito de Milão, e o seu fim em 1492, com a chegada dos espanhóis à América, dependendo da corrente historiográfica adotada. Segundo o historiador francês Le Goff (2005), essa periodização foi estabelecida no século XIX, sendo, portanto, uma determinação histórica recente.

Este é um período que, segundo Silva (2019), não trata apenas de uma convenção cronológica, pois apresenta divergências entre suas características em comparação com outros tempos, sendo alvo de discussão de historiadores e pesquisadores. Há algumas décadas, este era um período de conceituação pejorativa, compreendido como uma época deplorável. Segundo o autor (2019, p. 8),

Até os anos 1980, muitos historiadores consideravam a Idade Média o resultado da decadência e da corrupção do legado antigo (instituições, cultura, costumes etc.), da depressão econômica, sendo uma época marcada pela violência sem limites, por perseguições contra aqueles que ousavam desafiar o poder da Igreja, por guerras incessantes, pela penúria, pela fome e também pela peste. Um quadro desolador, que teria como responsáveis, principalmente, os bárbaros e a Igreja.

Podemos observar que o período medieval era avaliado segundo uma visão superficial e estereotipada. Essa avaliação negativa do medievo apresentava como responsáveis os povos “bárbaros”, estrangeiros que não faziam parte do Império Romano e não tinham a cultura grega por base, mas que foram integrados ao Império a partir do século IV, dando início aos reinos “bárbaros”, sob a forte influência da Igreja Católica daquele tempo.

Embora a Idade Média tenha ficado amplamente conhecida como a “idade das trevas”, como uma época de escuridão, crueldade e violência - principalmente devido à concepção renascentista - segundo Le Goff (2005, p. 11), “é cada vez mais difícil aceitar a ideia de que “medieval” seja sinônimo de “atraso” e “selvageria””. Ao contrário do que se julgava durante o século XIV, o



período do medievo, de aproximadamente mil anos, apresenta grande

desenvolvimento intelectual, científico, artístico e cultural, divergindo-se da Antiguidade. Segundo Le Goff (2005, p. 9),

Este tempo viu nascer a cidade (a cidade medieval difere da antiga, tal qual a da revolução industrial diferirá dela) e a aldeia, o verdadeiro arranque de uma economia monetária, as inovações tecnológicas que capacitaram a exploração rural, o artesanato pré-industrial e a construção em larga escala (charrua dissimétrica de rodas e aiveca, instrumentos de ferro, as aplicações do moinho d'água e do moinho de vento, o sistema das rodas dentadas, o ofício da tecelagem, aparelhos para levantar pesos, sistema de atrelagem "moderno").

Contemporaneamente, é bastante preconceituosa e insustentável a ideia de que o período medieval ainda esteja ligado ao atraso, à falta de conhecimento e inteligibilidade, ou ao entendimento de que não houve progresso na sociedade em si. Mas ainda assim essa concepção persiste nos dias atuais.

A periodização medieval é geralmente dividida em duas fases: a alta idade média, datada do ano de 476 ao ano 1000, e a baixa idade média, compreendida entre os séculos XIII e XV. Segundo Le Goff (2005), essa divisão de períodos surgiu na expansão do ensino escolar e universitário, sob forte necessidade de estruturação. Entretanto, essa divisão deve ser historicamente entendida com cautela.

Segundo Franco Júnior (2001), esse período também foi interpretado sob as lentes do romantismo do século XIX, servindo de ambientação para muitas obras deste século, como "Corcunda de Notre Dame" ou "Tristão e Isolda". Essa idealização, contudo, acabou interferindo no entendimento mais profundo sobre o medievo, servindo, talvez, como forma de reforço de uma visão mais pejorativa.

Foi com o advento das novas metodologias e técnicas na pesquisa historiográfica que, no século XX, houve o avanço na pesquisa medievalista que, segundo Franco Júnior (2001, p. 48),

Sem risco de exagerar, pode-se dizer que o medievalismo se tornou uma espécie de carro-chefe da historiografia contemporânea, ao propor temas, experimentar métodos, rever conceitos, dialogar intimamente com outras ciências humanas. Isso não apenas deu um grande prestígio à produção medievalística nos meios cultos como popularizou a Idade Média diante de um público mais vasto e mais

consciente do que o do século XIX.

Desconstruído o mito renascentista da “Idade das trevas”, o medievo passa a ser objeto de estudo e pesquisa, sendo compreendido como uma época de multiplicidade, cultura, progresso e desenvolvimento.

O período em destaque que interessa a esta pesquisa data entre os séculos X ao XIII, na região da Europa ocidental, o qual, segundo Le Goff (2005) forma o núcleo central da Idade Média que constitui um momento decisivo na evolução do Ocidente. O mesmo autor argumenta que neste período viu nascer a cidade, a qual será o prenúncio da futura revolução industrial, a aldeia, o arranque da economia monetária, as inovações que contribuiram para a exploração rural, entre outros. Outro aspecto fortemente presente neste tempo foram as Cruzadas. As Cruzadas foram um movimento ocorrido durante os séculos X ao XIII, que visava conter o avanço e domínio muçulmano nas regiões cristãs, como Jerusalém. Segundo Arruda (1976, p. 378),

A ideia de uma guerra santa contra os infiéis muçulmanos não era nova, ela fez parte dos planos de diversos papas. Mas somente no século XI surgiram as condições materiais para sua realização.

Outro aspecto importante que se estabelece nesse período foi o ideal cavaleiresco ou da Cavalaria. Segundo Silva (2019, p. 68),

Na época carolíngia, os cavaleiros constituíam a elite dos exércitos cristãos, com seus combatentes mais bem equipados (malhas de aço, espadas e montarias) e mais bem treinados. Com o colapso da ordem imperial, uma parte desse grupo passou a atuar de forma autônoma, enquanto outra colocou-se a serviço dos senhores territoriais, recebendo, em troca, castelos, patrimônios fundiários e títulos. A intensificação desse processo a partir do século XI, fez os cavaleiros emergirem como um grupo social, uma pequena aristocracia. A cerimônia que marcava o ingresso oficial na Cavalaria, após um período de formação militar, era a entrega das armas, ou adubamento, durante o qual o jovem cavaleiro se comprometia a defender o povo e a manter a paz.

A cavalaria, dessa forma, era direcionada por uma reunião de regras e de comportamento que compunham uma ética cavaleiresca marcada por virtudes, tais como coragem, bravura, generosidade, lealdade, heroísmo, bondade e responsabilidade.

Partindo desse conhecimento inicial sobre o período medieval, compreende-se que é possível aplicar um olhar comparativo entre a Idade Média e a trilogia *O Senhor dos Aneis*, de J.R.R. Tolkien, adaptada para o cinema pelas lentes do diretor neozelandês Peter Jackson. É dentro dessa ambientalização de organização social de cidade e aldeia, de conflitos, guerras e ideal cavaleiresco que a trilogia *O Senhor dos Anéis* parece ter por base, a qual é objeto de análise do presente projeto. Sendo assim, esta pesquisa se propõe a analisar a possibilidade da presença de elementos referentes ao período do século X ao XIII da região da Europa Ocidental apresentados pelo filme.

No século XVI historiadores apontam para inúmeras mudanças de ruptura com os ideias medievais, e passaram a nomear esse período, posteriormente, de Renascimento. Segundo Proença (1998), o termo “renascimento” começou a ser empregado no século XIX para indicar um período anterior ao da Alta Idade Média, o qual teria ocorrido um ressurgimento da beleza e da estética dos ideais clássicos.

Neste período houve uma retomada efetiva dos ideais clássicos greco-romanos da Antiguidade, e, com esse resgate, manifestou-se um pensamento filosófico chamado Humanismo, explicado por Silva e Silva (2019, p. 193) como um termo que “[...] surgiu no século XVI para designar as atitudes renascentistas que enfatizavam o homem e sua posição privilegiada na Terra”. Os humanistas, segundo Sevcenko (1986), foram homens dedicados na reforma educacional fundada nos estudos humanísticos, nos quais a maior preocupação eram questões sobre o homem e suas capacidades físicas e espirituais. O Renascimento trouxe a noção de valorização do homem, distanciando-se do pensamento teocêntrico filosófico medieval, tornando-se assim, um movimento antropocêntrico.

Dessa maneira, com a noção de centralização do homem, o período medieval, que tinha como uma de suas principais características o teocentrismo, ficou predominantemente conhecido como a “Idade das trevas”. Segundo Schipanski e Pontarolo (2009, p. 13),

De acordo com essa noção renascentista, entre a Antiguidade e a Renascença estava a Idade Média, considerada, por muito tempo, uma época de trevas, uma longa noite de mil anos

durante a qual a civilização ocidental não tomou banho e teria sido irrigada com sangue de torturas e perseguições, representando algo desprezível. Esta, sem dúvida, foi uma maneira tendenciosa e exagerada de analisar uma época.

Podemos perceber a visão preconceituosa e malconceituada que houve neste período em relação ao período anterior da Idade Média. Entretanto, não só no Renascimento, mas também atualmente há a noção de obscurantismo sobre o período. Segundo Silva (2019), o período ainda é utilizado para ressaltar aspectos negativos dos dias atuais, como a violência, a intolerância religiosa que, segundo o autor, são identificadas como práticas medievais. Com base nesses argumentos, podemos observar a escuridão que paira sobre esse período de aproximadamente mil anos, maculando-o com a má fama, deixando-o mal conceituado na maioria das vezes.

É importante desconstruir essa ideia de Idade Média como idade das trevas, pois esta é uma ideia equivocada que surgiu a partir do pensamento antropocêntrico renascentista, concretizando-se no século XVIII. Segundo Le Goff (2005, p. 59),

A Idade Média não é mais, depois do século XVIII, o período incolor que os medievais pensavam viver, mas um período sombrio, enfeixado entre o passado esplendoroso da Antiguidade e o futuro luminoso dos Filósofos. É um tempo oco, caracterizado pela ausência da razão e ausência de gosto.

Partindo do que nos aponta Le Goff, olhar para a Idade Média como “idade das trevas” é portanto, um pensamento errôneo e estereotipado, sendo imprescindível a dissolução desse conceito para a reflexão do que realmente foi o período.

Ao analisar a trilogia *O Senhor dos Anéis*, é possível traçar determinados paralelos com aspectos do período medieval, principalmente a partir das análises de Le Goff, e não com esse olhar obscurantista gerado durante o período do Renascimento. Olhando para a história inventada por Tolkien, há claros indícios de ideias de cavalaria nas relações presentes entre os personagens, assim como é também possível verificar na própria constituição do enredo e do cenário a influência da concepção de aldeias e cidades medievais.

A relação entre história e ficção, segundo Certeau (2011, p. 48) “é um discurso que dá forma [*informe*] ao real, sem qualquer pretensão de representá-lo ou ser credenciado por ele”. O cinema, como forma de dar corpo à ficção, é também um dos meios de análise histórica. Segundo Kornis (1992), o cinema se torna de grande valia para o estudo, pois todos os filmes, até mesmo os de ficção, servem de objeto de estudo e análise para o historiador. Através desses argumentos, podemos entender a importância do cinema e da ficção para a pesquisa histórica, pois abarca elementos da realidade, sendo possível a realização de uma análise mais aprofundada da obra. Além disso, o cinema se tornou um meio de entretenimento de grande acesso, sendo um instrumento de influência sobre a população em geral, como também é utilizado por muitos professores como documento para apresentação de conteúdos pedagógicos e históricos.

Segundo Rosenstone (2010) os recursos áudio visuais como filmes, minisséries, documentários, entre outros, são importantes em nossa relação e contato com o passado, bem como para o entendimento da História. O mesmo autor (2010) salienta a importância da análise das obras em termos de linguagem história fílmica, pois nestas o passado é retratado através de um discurso histórico. Portanto, é importante e válida a utilização de diferentes mídias, em especial do filme como objeto de análise, pois através da pesquisa e reflexão podemos entrar em contato com o conhecimento e desconstrução de conceitos históricos.

Dessa maneira, essa pesquisa se faz relevante ao buscar desconstruir o conceito de “idade das trevas” através da análise das relações de elementos do período medieval apresentados na obra cinematográfica, assim como por tentar contribuir para o melhor entendimento e perspectiva do período estudado.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento do tema proposto, essa pesquisa é baseada na revisão bibliográfica e análise fílmica. Segundo Gil (2002), o levantamento bibliográfico proporciona ao aluno a aproximação com a área de estudo e sua delimitação. A pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183) “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros”, e tem por finalidade permitir ao pesquisador o contato com o conhecimento já publicado sobre o tema escolhido. Portanto, a pesquisa bibliográfica permite não apenas a repetição de conhecimento já pesquisado, mas novas abordagens e perspectivas que podem chegar a um novo resultado para o tema em questão (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A respeito do cinema, Kornis (1992) afirma que a cinematografia é uma fonte preciosa e importante para o entendimento das visões de mundo, comportamento, valores, identidades e ideologias das sociedades, tornando a análise fílmica um componente imprescindível para a compreensão das múltiplas culturas e sociedades. É preciso que haja algumas abordagens e técnicas para a utilização desse elemento como material de pesquisa. Segundo Vanoye e Goliot-Lete (2002), para uma mais efetiva análise fílmica é preciso uma desconstrução mais aprofundada para a obtenção de elementos distintos que formam a obra em conjunto, para posteriormente, reconstruir, estabelecendo ligações para entender como os diferentes elementos isolados formam um significado na obra ao todo.

Por meio desse aspecto, a análise fílmica pode garantir à pesquisa um componente essencial para trabalhar, em conjunto com o aluno do Ensino Médio, o diálogo entre cinema, história e sociedade. Nesse caso, por meio da trilogia escolhida, é pretendido apresentar os aspectos do medievo do século X ao XIII e a desconstrução da ideia de uma Idade Média em trevas.

Descritos os aspectos acima, essa pesquisa revela-se de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa é aplicada ao buscar o aprofundamento de uma análise, não apenas utilizando dados numéricos e estatísticos, mas aprofundando em aspectos sociais e culturais. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 132) a pesquisa qualitativa “busca explicar o porquê das coisas,

expressando o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos [...]”. O método qualitativo se mostra mais atraente para pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais pois se funda na compreensão de algum fenômeno ou tema. A pesquisa qualitativa aprofunda a análise de questões culturais buscando maior compreensão.

Acerca das etapas da pesquisa em si, a professora orientadora incentivou o grupo a desenvolver a pesquisa em três fases. A primeira, já realizada, consistiu num levantamento bibliográfico sobre a Idade Média, dos séculos X ao XIII, contextualizando historicamente esse período, no qual utilizamos as referências que encontramos em produções de pesquisas científicas disponível em sites acadêmicos e livros disponibilizados pela professora. Em seguida, como segunda parte, analisamos a importância da utilização de filmes para pesquisas na área de História. Por fim, a trilogia “O Senhor dos Anéis” do diretor neozelandês Peter Jackson foi analisada em suas formas cinematográficas e históricas, no propósito de obter uma aproximação histórica entre o filme de ficção e o referido período. Os dados obtidos foram relacionados com a literatura existente sobre o assunto para repensar e reavaliar o conceito de Idade Média como “idade das trevas”.

### 3. RESULTADOS

O medievo é o período compreendido aproximadamente entre os séculos V ao XV d.C. É um momento que abrange muitas transformações sociais, culturais, econômicas, entre outros. Segundo Le Goff (2007), a cristianização da sociedade através dos bispos e monges, a ruralização da Europa pela nova ordem econômica, a aculturação pelo contato com outros povos, a uniformização do mundo barbarizado pela ordem política e jurídica dos reis, foram algumas das transformações que construíram uma sociedade diferente da Antiguidade.

Para além da visão deturpada a qual a Idade Média geralmente é entendida, este período não foi estático e imóvel, sem transformações e disseminação de informação. Um fator que contribuiu para o medievo ser um período de intensa troca de informações transformando suas relações sociais foram as peregrinações. Segundo Foga (2014, p. 41),

A mobilidade das pessoas durante a Idade Média foi intensa, o homem medieval vivia em constante deslocamento de uma região para a outra. Apenas para citar como exemplo, cavaleiros, mercadores, monges e peregrinos delineiam essa sociedade *in via*.

Havia diversos tipos de viajantes medievais, cada qual com seu propósito, viajando para outras regiões recebendo e compartilhando informações e experiências. Numa rápida comparação com a trilogia dos filmes, é possível destacar ali o desenvolvimento da saga a partir de uma determinada peregrinação.

A ruralização e o sistema feudal são aspectos marcantes que caracterizaram a Idade Média diferindo-a da Antiguidade, como apresenta Lima e Teixeira (2011, p.179),

A História mostra que o sistema feudal baseava-se na exploração da terra por intermédio da dominação exercida pela hierarquia feudal sobre os camponeses. A ruralização é uma característica fundamental da Alta Idade Média, sendo que muitos desenvolvimentos agrícolas e certas inovações técnicas foram constatadas pelos historiadores. Obviamente, essas inovações foram limitadas, mas afetaram profundamente a vida do homem rural.

A vida do homem medieval é ativamente conectada à terra por meio da associação do senhor feudal com o camponês. Segundo Baiardi (1997), este foi o sistema de produção familiar medieval, a qual ligava os camponeses e suas famílias à produção agrícola para o senhor feudal e para a própria sobrevivência.



A terra tem uma extrema importância para a sociedade medieval. Este aspecto, portanto, é de suma importância para a atual pesquisa.

O recorte temporal de estudo para a pesquisa são os séculos X ao XIII na região da Europa ocidental, que de acordo com Le Goff (2005), é o núcleo central da Idade Média constituindo um momento decisivo na evolução do Ocidente, devido às várias transformações sociais e econômicas.

Este período foi marcado por muitas transformações, uma das quais interferiu consideravelmente na sociedade foi a hierarquização social mediante a dominação senhorial e remodelação do espaço. Segundo Silva (2019, p. 58),

O processo de transformação do espaço entre os séculos XI e XIII não significou apenas o reagrupamento das populações. Ele foi também sinônimo de hierarquização desse espaço em torno de lugares cuja importância passou a se destacar em relação a outros, como era o caso das igrejas, mosteiros e dos castelos. Os deslocamentos das populações para esses locais, por ocasião das missas, do pagamento de tributo ou das assembleias judiciárias, demonstram a existência de pontos de referência que hierarquizavam mesmo os habitats dispersos. A dominação senhorial era suficientemente eficaz para se projetar até sobre espaços onde as populações viviam dispersas.

A dominação senhorial, construiu referências na sociedade levando-a a reorganizar-se culminando em mudanças sociais. Conforme Silva (2019), esta dominação além de hierarquizar a sociedade contribuiu para a ascensão da Cavalaria como um grupo social prestigiado.

A forte influência do pensamento cristão é outro aspecto preponderante na sociedade, de acordo com Le Goff (2005, p. 125)

A civilização do Ocidente medieval é profundamente, intimamente, marcada pela noção de Criação. Os homens e as mulheres da Idade Média crêem no Deus do Gênesis. O mundo e a humanidade existem porque Deus quis assim, através de um ato generoso.

O pensamento cristão foi introduzido na Idade Média através dos bispos – como o Santo Agostinho (354-430) – e monges que se fundamentavam nas Escrituras Sagradas. Próximo ao ano Mil houve uma “grande onda de cristianismo” (LE GOFF, 2007, p. 70), a qual favoreceu a instituição de Estados monárquicos. Os princípios bíblicos se incorporaram de forma efetiva na sociedade medieval mediante a instituição da Igreja Católica e a monarquia baseados na Bíblia Sagrada. A respeito das práticas sociais-cristãs do cotidiano, Le Goff (2005) salienta que aconteciam devido a um constante trabalho social envolvendo a liturgia e os sacramentos. A sociedade medieval era

intrinsecamente conectada ao espírito cristão das boas novas. Conforme Silva (2019, p. 81) apresenta, “A principal característica do período medieval é a identificação da Igreja com a sociedade.”.

As Cruzadas, foram, por sua vez, um movimento específico do período de estudo da pesquisa. Este movimento, dos séculos XI ao XIII, apresenta muitas incursões militares de fundamento cristão para região de Jerusalém, contra o avanço muçulmano na região dominada pelos cristãos. Para Silva (2019, p. 97)

As razões do grande impacto da expedição conclamada por Urbano II, em 1095, estão, por um lado, nas feições que o cristianismo havia assumido então na Europa Ocidental, com uma fé marcada pelos ideais de sacrifício, de penitência e de expiação dos pecados. Por outro, no fato de que a atividade guerreira foi eficazmente associada, pela Igreja, a uma atividade desejada por Deus, desde que cumprisse alguns requisitos importantes, sendo o principal deles o combate contra os infiéis.

Esse movimento contribuiu para que houvesse uma expansão do cristianismo por onde passassem. Entretanto, embora o conflito tenha sido violento, não impediu que trocassem informações entre si, segundo Silva (2019, p. 98), os cristãos e muçulmanos acabavam por pactuar continuamente em estabelecer alianças provisórias, troca de prisioneiros, entre outros.

Séculos após este período em destaque criaram-se visões extremas e clichês inspirando interpretações radicais que fogem à Idade Média pesquisada e compreendida cientificamente. As visões sobre o período apresentam dois clichês, sendo um deles uma época de violência e obscurantismo e o outro uma época romântica e de fantasia, que culminam em um preconceito para com o medieval, como salienta Santos (2013, p. 218),

Um preconceito que perdurou por muito tempo baseado no que foi construído pelo Renascentismo e difundido pelo Iluminismo. Ou seja, um medieval de atraso, escuridão, violência e dominação religiosa. Podemos atestar esta visão, por exemplo, na alcunha “Idade das Trevas” ou quanto alguém taxa alguma atitude ultrapassada ou violenta de medieval. A outra representação associada a este período foi a difundida pelos românticos do século XIX. Aquela de uma Idade Média fantasiosa e povoada por cavaleiros honrosos em armaduras reluzentes, belos bosques e donzelas inocentes e apaixonadas.

São estas duas visões estereotipadas que representam a Idade Média em várias obras e meios de comunicação na atualidade, que de acordo com

Santos (2013, p. 218), “é a Idade Média que costumamos ver em filmes, músicas, séries de TV, jogos e livros de sucesso que tratam sobre o tema para o grande público.” Em meio às obras de sucesso que representam algum traço da História Medieval, podemos incluir a trilogia *O Senhor dos anéis*, escrita pelo professor John Ronald Reuel Tolkien, como também a adaptação cinematográfica da mesma pelo diretor neozelandês Peter Jackson.

### ***A importância de J.R.R. Tolkien***

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1892 na cidade Bloemfontien, na África do Sul. Filho do inglês Arthur Tolkien, o qual trabalhava para o Lloyds Bank, o escritor viveu na África do Sul até a morte de seu pai em 1896. Após esta perda, mudou-se com sua mãe e seu irmão para a cidade de Birmingham, na Inglaterra. Sua mãe, entretanto, faleceu de diabetes em 1904, deixando-o aos cuidados do padre Francis Xavier Morgan. Morgan educou Tolkien influenciando-o a estudar na Universidade de Oxford no curso de Antiguidade, todavia, seu interesse em filologia o levou ao curso de Letras e Literatura, graduando-se em 1915. Casou-se em 1916 com Edith Bratt.

Após servir na Primeira Guerra Mundial e se recuperar de uma doença que contraiu no campo de batalha, se torna professor no Departamento de Letras da Universidade de Leeds, conseguindo a cadeira de Inglês Antigo em Oxford, em 1925.

Produziu muitas obras a partir de seu interesse e estudos sobre literatura nórdica e mitologia. A partir de um pedido por uma sequência na história, da editora que publicou seu primeiro grande sucesso *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos anéis* foi escrito. Após muitas correções, a obra ficou pronta treze anos depois e foi publicada entre os anos de 1954 e 1955. Em *O Senhor dos Anéis*, Tolkien criou um mundo mitológico de fantasias, cujo alguns personagens – Bilbo e Frodo – representariam, até certo ponto, seu próprio estilo de vida, sendo uma crítica à modernidade e o avanço científico (SANTOS, 2013).

A Idade Média e os seus elementos estão intrinsecamente ligados às produções de Tolkien. Segundo Casagrande (2018), a vasta produção do autor tem como base seus vários anos de pesquisa sobre a Idade Média, filologia, entre outros. Nesse sentido, é possível perceber também grande influência do pensamento cristão na vida e obra de Tolkien, principalmente no que pode ser

observado através do embate entre o bem e o mal. Para Klatau (2006), existe uma forte influência do pensamento de Santo Agostinho na história, na questão do livre-arbítrio no símbolo do anel.

Conforme Santos (2013), a Idade Média na obra de Tolkien representaria uma tentativa de fuga da realidade de seu tempo de guerras e avanços científicos que resultaram em desastres. A representação do medievo pelos vários símbolos e personagens seria uma saída ao vazio contemporâneo de sua época. Casagrande (2018) apresenta que

A base filosófica tolkieniana (e lewisiana), estava fincada, portanto, nos pensamentos clássicos e medievalista, sobretudo na apologética cristã, e não no pensamento racionalista-iluminista; tampouco apoiava suas críticas à modernidade no romantismo.

Sendo o escritor um grande estudioso medievalista, há a possibilidade visível em analisar a adaptação cinematográfica da trilogia *O Senhor dos anéis*, a partir de elementos e aspectos do medievo.

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A trilogia, em um panorama geral, apresenta a jornada dos hobbits – em especial de Frodo e Sam – pelo continente da Terra Média com o objetivo de chegar à uma montanha da região de Mordor para a destruição do Um Anel – que havia sido forjado há muito tempo por Sauron, o senhor do escuro, para o domínio de todos os povos daquele mundo. Ao longo da jornada dos hobbits até a destruição do anel, a trilogia cinematográfica apresenta representações de aspectos do medieval em seus cenários, cenas e diálogos. De acordo com Marc Ferro, “[...] através da ficção e do imaginário, trata-se de assimilar os elementos da realidade” (1992, p. 118). A partir da interpretação dessa ficção, analisaremos algumas cenas, onde é possível relacionar elementos da história medieval às imagens cinematográficas.

### 4.1 OS PEREGRINOS DA TERRA MÉDIA

#### 4.1.1 Movimentação geográfica

**Imagem 01** – A Sociedade do Anel saindo de Valfenda



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel, à 01h35m*

A imagem 01 apresenta uma cena da movimentação geográfica dos peregrinos pela Terra Média. Esse é o momento no qual a Sociedade do Anel, que havia sido formada em Valfenda, dá início à sua jornada. A comitiva do anel formada pelos hobbits Frodo, Sam, Merry e Pippin, o mago cinzento Gandalf, o elfo Legolas, o anão Gimli e os homens Aragorn e Boromir, saem de Valfenda com o objetivo de ajudar e resguardar Frodo – o responsável pelo anel – até o

momento da destruição do objeto perigoso. A ideia da jornada por longas ou curtas distâncias com um objetivo específico é uma representação pontual da Idade Média. A cena em destaque apresenta a comitiva passando por uma ponte à hora do pôr-do-sol, provocando ao espectador o sentimento de que logo haveria trevas e momentos difíceis, nos quais os integrantes da sociedade haveriam de enfrentar. Fazendo uma ponte entre a linguagem verbal (escrita) e a não verbal (cinematográfica), tomamos um trecho específico da obra de Tolkien, que representa a ideia de peregrinação, para, em seguida, compará-lo à imagem 02:

Muitos outros da casa de Elrond estavam nas sombras, observando sua partida, desejando-lhes boa viagem com vozes suaves. Não havia risos, nem canção, nem música. Finalmente deram-lhe as costas e se desvaneceram em silêncio na penumbra. Atravessaram a ponte e, fazendo curvas, subiram devagar pelas trilhas longas e íngremes que levaram para fora do vale partido de Valfenda; e chegaram por fim à alta charneca onde o vento sibilava através da urze. Então, com uma olhada para a Última Casa Hospitaleira que cintilava abaixo deles. Foram-se caminhando dentro da noite. No Vau de Bruinen deixaram a Estrada e, virando para o sul, seguiram por trilhas estreitas em meio às terras acidentadas. Seu propósito era manter esse curso a oeste das Montanhas por muitas milhas e dias (TOLKIEN, p. 400. 2019).

**Imagem 02** – Gandalf, Aragorn, Gimli e Legolas cavalgando



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres aos 46m46s*

Ainda representando o conceito de peregrinação da Idade Média, a imagem 02 mostra quatro integrantes da comitiva do anel – já desfeita – cavalgando em busca de novas soluções. Nesta cena, Gandalf, Aragorn, Gimli e Legolas, partem para o reino de Rohan, ao encontro do rei Théoden para solicitar sua ajuda na luta contra o poder sombrio que já estava em ascensão na

Terra Média. As montanhas apresentadas no plano de fundo da cena e a locomoção a cavalo sugerem a caracterização de uma longa jornada, onde são evidentes a pressa por resoluções e uma viagem com contratempos. A representação da caminhada e da tribulação da jornada medieval é exposta nesta cena por meio dos aspectos descritos.

#### 4.1.2 Circulação cultural e agregação de novos conhecimentos

**Imagem 03** – Merry e Pippin no encontro com a Barbávore



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres aos 32m27s*

Outro aspecto importante na questão da peregrinação é a circulação cultural advindas das movimentações geográficas. Essas peregrinações medievais permitiam imensas trocas culturais, fluxo de informações e agregação de novos conhecimentos. Nesse sentido, a imagem 03 apresenta uma cena na qual Merry e Pippin encontram-se na floresta de Fangorn, onde se deparam com uma criatura nunca tinham vista por qualquer hobbit: um Ent – chamado Barbávore –, um tipo de Pastor de Árvores que vivia há séculos na Terra Média. Entretanto, o desconhecimento não era apenas por parte dos hobbits, mas mútuo: a Barbávore também nunca havia tido informações a respeito dos hobbits. Ao saber que aqueles dois pequenos seres eram hobbits, a Barbávore responde: “Hobbits? Eu nunca ouvi falar em Hobbits”. Eis um exemplo, dado pelo filme, de troca cultural, que poderia representar o fluxo de conhecimento possibilitado pelas peregrinações medievais. Fazendo uma ponte entre a

linguagem verbal e não verbal, na obra literária há uma passagem que descreve exatamente a cena relatada:

....“Um Ent?”, disse Merry. “O que é isso? Mas como tu mesmo te chamas? Qual é teu nome de verdade?”  
 “Huu, ora!”, respondeu Barbávore. “Huu! Ora, isso seria revelador! Sem tanta pressa. E sou eu que estou perguntando. Estais em minha região. O que sois vós, eu me pergunto? Não consigo localizar-vos. Não me parece que fazeis parte das velhas listas que aprendi quando era jovem. Mas isso foi muito, muito tempo atrás, e pode ser que tenham feito listas novas... (TOLKIEN; 2019, p. 690).

**Imagem 04** – Frodo, Sam e Gollum avistando soldados de terras distantes



*Fonte: Recorte do Filme As Duas Torres à 01h18m*

A imagem 04 também apresenta a questão da agregação de novos conhecimentos. Frodo, Sam e Gollum – novo parceiro da jornada até Mordor – estão acampando, quando ouvem barulhos e se posicionam em um local estratégico para saber o que estava acontecendo. Eles veem a marcha de um exército chamado por Sauron para a guerra na Terra Média. Os hobbits nunca haviam tido contato com esses povos e, ao ver um gigantesco animal, Sam exclama: “É um olifante. Ninguém lá em casa vai acreditar nisso”. Por meio desta fala Sam está afirmando que sua jornada está lhe trazendo novos conhecimentos que serão partilhados ao chegar em sua casa, promovendo, dessa forma, o fluxo de novos saberes.



**Imagem 05** – Frodo entrega seu livro de aventuras para o Sam

*Fonte: Recorte do filme O Retorno do Rei à 03h07m*

A imagem 05 retrata a cena na qual Frodo, que está prestes a embarcar no navio para as Terras Imortais, entrega para Sam o seu livro de registro da viagem. O livro em questão começou a ser escrito pelo tio do Frodo, Bilbo, como registro de sua viagem e depois passou a ser do Frodo para a continuação de sua escrita e por fim acaba nas mãos de Sam. Ao entregar o livro para Sam, Frodo afirma: “As últimas páginas são para você, Sam”, promovendo o entendimento do espectador de que haveria mais viagens e aventuras, e, por sua vez, incorporação de conhecimento por meio dos deslocamentos geográficos.

A partir de todas as cenas analisadas, fica evidente que a trilogia destaca com pontualidade a agregação de novos conhecimentos e saberes mediante a jornada dos integrantes em busca da liberdade e da paz na Terra Média.

## **4.2 O CONDADO: IMPORTÂNCIA DA TERRA PARA OS HOBBITS**

### **4.2.1 – A importância do contato com a terra**

**Imagem 06** – Gandalf chegando no Condado acompanhado de Frodo



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel aos 09m03s*

A cena da imagem 06 mostra o momento em que Gandalf chega ao Condado, no início da trilogia, e, portanto, antes de toda a jornada e aventura. Na cena em destaque podemos ver o cenário que compõe o Condado. Há pessoas trabalhando na terra, cercas que a delimitam e um moinho de vento ao fundo. Os hobbits, tidos como camponeses, acreditavam que as penúrias da vida cotidiana poderiam ser recompensadas por meio do contato com a natureza. Os hobbits viviam em pequenas vilas, com costumes próprios, e estabeleciam uma estreita relação com a terra, o lugar onde a vida em comunidade florescia. Esses aspectos demonstram uma notória representação do medieval no que tange o processo de ruralização e uma certa semelhança com o feudalismo. A paleta de cores dessa cena é viva e alegre, representando a felicidade e o prazer de se morar no Condado e, em específico, na Vila dos Hobbits.

**Imagem 07** – Sam e Frodo em grande aflição recordando do Condado



*Fonte: Recorte do filme O Retorno do Rei à 02h34m*

A Imagem acima destaca o momento em que Sam e Frodo estão escalando a montanha de Mordor com o intuito de destruir o Um Anel, lançando-o no vulcão. Como é possível verificar no recorte da cena escolhida, os hobbits estão desanimados e sem forças para prosseguir. Sam, então, conforta Frodo, que está quase desfalecendo, e diz:

- Lembra-se do Condado, Sr. Frodo? Logo chegará a primavera e as orquídeas vão florescer e os pássaros farão seus ninhos nos troncos da avelaira. E farão a colheita da cevada do verão nas terras baixas e comerão os primeiros morangos com creme.

Nesta fala é possível perceber nitidamente a importância que o Condado representa para os hobbits, assim como a valorização do contato com a terra. A composição da cena apresenta uma paleta de cores escuras, onde se percebe a aridez das rochas, ressaltando a sequeidão e infertilidade de Mordor. Essa cena escura e triste demonstra um imenso contraste para com a cena anterior, onde fica evidente a vivacidade e alegria do Condado. O contato com a terra e o apego ao Condado, sem dúvidas, é uma questão de suma importância no desenrolar do enredo fílmico, o que pode ser diretamente relacionado ao apego das pessoas da Idade Média com seu solo, sua terra.

#### 4.2.2 – A comunhão da família e os companheiros de terra

**Imagem 08** – O aniversário do Bilbo Bolseiro



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel aos 15m52seg*

Para se entender a Idade Média é preciso que se compreenda a importância da organização familiar (PERNOUD, 1981) e a importância da família nas relações humanas. Outro aspecto também que se apresenta é a comunhão e o partir do pão entre a família e aqueles próximos a ela. A imagem 08 retrata a cena na qual todos os hobbits da vila (que tinham um traço de parentesco em comum) estão reunidos para comemorar o aniversário do Bilbo Bolseiro, o tio de Frodo. Essa cena expõe a importância da união familiar e o compartilhamento dos alimentos entre a família. A composição da cena apresenta uma paleta de cores aconchegantes, que apontam para o sentimento familiar de conforto e de proximidade, reforçando o aspecto citado.

#### **4.2 ARAGORN REI DE GONDOR E THÉODEN REI DE ROHAN: A HIERARQUIA SOCIAL NA TERRA MÉDIA**

**Imagem 09** – Chegada a Rohan



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres aos 53m03s*

No feudalismo medieval europeu, o castelo era o cerne da vida econômica, social e política; os Castelos Medievais eram erguidos nos locais mais altos, para que se tornasse mais fácil identificar os ataques de inimigos. A imagem 09 mostra a chegada de Gandalf, Legolas, Gimli e Aragorn ao reino de Rohan. Podemos observar a hierarquização social no reino, onde, no ponto mais alto se localiza a morada do Rei Théoden, e na camada inferior, situam-se a morada dos demais cidadãos do reino, cercada por grandes muralhas com o intuito de manter todo o reino protegido de ataques dos inimigos.

**Imagem 10** – A coroação de Aragorn como Rei de Gondor



*Fonte: Recorte do filme O retorno do rei à 02h55m*

A imagem 10 apresenta a coroação de Aragorn como o Rei definitivo de Gondor. Observando o enquadramento e a disposição dos personagens, é possível observar uma representação hierárquica dos grupos, onde no centro da imagem, e bem acima de todos, encontra-se a figura do rei Aragorn. É importante salientar que durante a Idade Média, a imagem do Rei ultrapassava a representação unicamente política, pois seu poder era considerado divino. Ao seu lado, situados um pouco mais abaixo, estão Gandalf e Gimli, seguidos pelo inúmero corredor de soldados. O jogo de cores e iluminação nos remete a uma harmonia social, onde o sol passa a brilhar novamente e a felicidade toma conta de todos do reino ali presentes, para saldar o novo rei de Gondor.

#### **4.4 O BEM E O MAL E A POSSÍVEL INFLUÊNCIA CRISTÃ PRESENTE NO ENREDO**

**Imagem 11** – Luta do bem contra o mal



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel à 02h08m*

Estudar Idade Média significa também perpassar pelo pensamento cristão e, portanto, pela ideia de uma luta entre o bem e o mal, o reino da luz e o reino das trevas. A trilogia em questão não apresenta de forma explícita o pensamento cristão, mas, há inúmeras cenas que evidenciam a luta entre o bem e o mal, levando o espectador a perceber a existência do enfrentamento do reino da luz contra o reino das trevas. A Imagem 11 retrata a cena na qual Gandalf luta contra a criatura Balrog, dentro das minas de Moria. É perceptível a representação entre o bem e o mal, levando em consideração que, de acordo com o imaginário medieval, o inimigo cristão estaria embaixo da terra – o suposto inferno – e, dessa maneira, seria um ser envolto em chamas e calor, tal como nos mostra a literatura bíblica.

**Imagem 12** – Diálogo entre Gandalf e Frodo



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel à 01h51m*

Na sequência, vemos um diálogo entre Gandalf e Frodo (imagem 12), onde a ação entre as forças do bem e as forças do mal se torna incontestável, assim como a ideia de um poder supremo que designa e rege o destino de todos:

*“Frodo: Quereria que o Anel nunca tivesse sido dado a mim, e que nada disso tivesse acontecido.*

*Gandalf: Assim como todos os que testemunham tempos assim, mas não cabe a eles decidir. O que nos cabe é decidir o que fazer com o tempo que nos é dado. Há outras forças agindo neste mundo, Frodo, além da vontade do mal.*

Bilbo estava destinado a encontrar o Anel, e, assim você também estava destinado a tê-lo. E esse é um pensamento encorajador”.

O pensamento de que há um poder supremo que comanda o universo e que está no controle de todas as coisas é um pensamento recorrente na Idade Média, principalmente atrelado à imagem de Deus, O criador, e a esperança das boas novas do evangelho.

**Imagem 13** – A aparição de Gandalf como o Mago Branco



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres aos 43m04s*

A cena retratada pela imagem 13 apresenta o momento em que Gandalf, que havia caído nas minas de Moria ao lutar com o Balrog, ressurgiu como o Mago Branco. O mago lutou contra Balrog e, apesar de vencer a criatura, acabou morto. Mas a morte não significou o fim: Gandalf ressurgiu da morte para continuar ajudando seus amigos na jornada do Anel. Por meio da sua ressurreição, Gandalf passou do estágio de “o mago cinzento” para o estágio de “o mago branco” vencendo a morte e despontando como uma esperança para todos os envolvidos na guerra da Terra Média e na destruição do Um Anel.

Na cena em destaque, destacamos a relação metafórica entre a ressurreição de Gandalf e o maior exemplo histórico de ressurreição: Jesus Cristo. A construção da cena reforça este aspecto ao introduzir Gandalf envolto em luzes, e de imensa claridade, incitando no espectador o sentimento de esperança e de vitória final.

**Imagem 14** – Gandalf, o mago branco liderando o exército



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres à 02h39m*

Ademais, há um momento no filme *As Duas Torres* em que Gandalf lidera um exército na guerra contra os servidores de Saruman (imagem 14). Nesta ocasião, mais uma vez, há de forma perceptível a presença de poderes divergentes, o que podemos relacionar diretamente com a influência cristã medieval. A construção da cena aparece o momento em que Gandalf – todo vestido de branco, e, assim, simbolizando o bem – está à frente de um exército manifestando a força salvadora daqueles guerreiros.

**Imagem 15** – A busca de Gandalf em documentos de autoridade



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel aos 28m05s*

Uma das vozes de autoridade que regia o pensamento cristão medieval pautava-se nas Escrituras Sagradas, contendo os textos bíblicos e as traduções



dos manuscritos antigos. A imagem 15 ressalta o momento em que Gandalf está lendo manuscritos antigos para entender a história do Um Anel e então saber como poderia derrotá-lo. Desta forma, é plausível relacionar que, assim como os padres e monges se baseavam no texto cristão no medievo, Gandalf buscou se apoiar na voz de autoridade dos manuscritos antigos da Terra Média.

#### **4.5 AS GUERRAS PELO TERRITÓRIO E PELA LIBERDADE NA TERRA MÉDIA: AS FORÇAS DE SAURON CONTRA AS FORÇAS DOS HOMENS, ANÃOS E ELFOS.**

**Imagem 16** – Luta de Isildur e os povos livres da Terra Média contra Sauron



*Fonte: Recorte do filme A Sociedade do Anel aos 03m32s*

No primeiro longa-metragem da trilogia, *A Sociedade do Anel*, é apresentado o contexto histórico e panorama geral do Um Anel, antes que ele seja possuído pela criatura Gollum, e, em seguida, seja encontrado por Bilbo. Na cena destacada pela Imagem 16, vemos a primeira batalha pela posse do Um Anel, entre Sauron, rei Isildur (ascendente de Aragorn), os elfos e os povos livres da Terra Média. Ao final, Isildur vence Sauron e cortar-lhe a mão, deixando-o sem o anel. Com o fim dessa batalha, a liberdade reinou na Terra Média.

**Imagem 17** - A formação de um exército de orcs para a guerra pela Terra Média



*Fonte: Recorte do filme As Duas Torres aos 16m07s*

No decorrer da trilogia há a ascensão do poderio de Sauron, que se torna um espectro preso dentro de um olho em chamas. Com a ascensão do poder de Sauron, há também a ascensão de seu servidor, o mago Saruman, e a criação de um novo exército para a nova tentativa de domínio sobre o território da Terra Média e dos povos livres. Como é possível observar na cena presente na Imagem 17 do filme *As Duas Torres*, Sauron passa a construir instrumentos bélicos para a guerra e organiza seu próprio exército de orcs e goblins. A cena escolhida ressalta a escuridão e a feiura presentes nesse exército, mais uma vez como símbolo do mal existente na história.

**Imagem 18** – Guerra pela liberdade na Terra Média



*Fonte: Recorte do filme O Retorno do Rei à 02h00m*

O último filme da trilogia, *O Retorno do Rei*, tem como enredo principal a última guerra dos povos livres contra o exército de Sauron. Na imagem 18 vemos

no lado inferior esquerdo o castelo e a cidade de Gondor sendo atacada pelo gigantesco exército de Sauron. Mas, como símbolo da luta do bem contra o mal, também é possível enxergar, na parte superior da tela, a chegada do exército de Rohan, que combaterá ao lado de Gondor contra o exército de Sauron, o Senhor dos anéis. Essa dicotomia entre bem e mal estão presentes em grande parte dos filmes da trilogia, e nessa cena a magnitude do mal se espalhando é bastante evidente.

Após todas as análises de cenas anteriores, é possível perceber que em todos os filmes da trilogia há a ideia de uma luta pela liberdade territorial. A liberdade na Terra Média é posta à prova em muitos momentos, havendo, dessa forma, conflitos e batalhas para defendê-la. Essa relação de conflitos pela liberdade territorial pode ser assemelhada às Cruzadas no medievo. A ideia de combate para defesa dos territórios, defesa da liberdade nas terras e o impedimento da ascensão do “poder inimigo” são os motores das Cruzadas e também são os motores dos conflitos na Terra Média. A trilogia apresenta de forma assídua este aspecto do medievo por meio dos combates.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise fílmica, diversos elementos de uma obra cinematográficas podem ser considerados para a compreensão das representações históricas e sociais, bem como a compreensão de seu próprio roteiro e enredo.

A trilogia *O Senhor dos Anéis*, dessa maneira, se apresenta como um conjunto cinematográfico que, apesar de pautado numa história de ficção, apresenta e reflete pontos e aspectos muito característicos da História Medieval, a partir de seu enredo, cenários, diálogos, personagens e símbolos. Os filmes da trilogia são construídos por um misto de fantasia, aventura e ação, instigando o espectador a permanecer conectado à história de forma racional e crítica, como também de maneira emocional (CABRERA; 2006).

Ademais, a partir da análise dos filmes da trilogia, juntamente com as referências bibliográficas, foi possível desconstruir a ideia de uma Idade Média “em trevas”, estática, infértil e sem cultura. A Idade Média, refletida por meio da análise proposta, foi um período de grande circulação geográfica e cultural, e também um período em movimento, com suas próprias culturas e aspectos sociais.

## REFERÊNCIAS

### FILMOGRÁFICAS

O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel. Direção: Peter Jackson. Estados Unidos da América; Nova Zelândia: New Line Cinema, 2001.

O Senhor dos Anéis: As Duas Torres. Direção: Peter Jackson. Estados Unidos da América; Nova Zelândia: New Line Cinema, 2002.

O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei. Direção: Peter Jackson. Estados Unidos da América; Nova Zelândia: New Line Cinema, 2003.

### BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson de Arruda. **História Antiga e Medieval**. São Paulo, Ática, 1976.

BAIARDI, Amilcar. Mudanças técnicas na agricultura medieval e o processo de transição para o capitalismo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.14, n.3, p.449-464, 1997.

CABRERA, Júlio. **O Cinema Pensa: Uma introdução à Filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CASAGRANDE, Cristina. **A amizade em O Senhor dos anéis**. São Paulo: Martin Claret, 2018.

CERTEAU, Michel de. A História, ciência e ficção. In: CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: Entre ciência e ficção**. Tradução: Guilherme. J. de Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FOGA, César Augusto da Silva. O homem medieval: Um peregrino por excelência. **Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievalo**. Jaguarão, v. 9, n. 1, p. 40-48, 2014.

FRANCO JÚNIOR, Hillário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S/A, 2002.

KLATAU, Diego. O Mal e o Poder: O simbólico do Um Anel em O Senhor dos Anéis. **Ciberteologia**, v. 8, p. 1-12, 2006.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940>>. Acesso em: 12 de fev. de 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S/A, 2003.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. São Paulo: Civilização brasileira, 2005.

LIMA, Wallas Jefferson de; TEIXEIRA, Olga Suelly. HISTÓRIA E LITERATURA FANTÁSTICA, UMA PARCERIA (IM) POSSÍVEL? O caso de “O Senhor dos Anéis”. **Outros tempos**, v. 8, n. 11, p. 167-188, 2011.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Europa-América, 1981.

PROENÇA, Graça. **O Renascimento**. São Paulo: Ática, 1998.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SANTOS, Andrey Augusto Ribeiro dos. “Lá e de volta outra vez”: o medievo na obra de J.R.R. Tolkien. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 4, n.4, p. 217-230, 2013.

SCHIPANSKI, Carlos Eduardo; PONTAROLO, Luizangela Padilha. **História Medieval: releitura de uma época**. Guarapuava: Editora da Unicentro, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **O renascimento**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

SILVA, Marcelo Cândido da. **História Medieval**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A Sociedade do Anel: Primeira Parte de O Senhor dos Anéis**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **As duas torres: Segunda Parte de O Senhor dos Anéis**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

VANOYE, Francois; GOLIOT-LETE, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2002.